

Ao lançar um livro de entrevistas com cineastas latino-americanos, a jornalista Maria do Rosário Caetano está preenchendo uma lacuna em nossa bibliografia cinematográfica. De fato, raras são as obras disponíveis no mercado que tratem do cinema dos países vizinhos. Essa ausência só vem confirmar o fato de que, por muito tempo, e talvez até hoje, apesar das promessas do Mercosul, o Brasil se manteve de costas viradas para o resto do continente. Barreira lingüística, talvez. Mas o mais provável é que os modelos de identificação da intelligentsia nacional estivessem primeiro na Europa, a seguir nos Estados Unidos, e nunca em países mais próximos e, paradoxalmente, de situação muito semelhante à nossa.

Em *Cineastas Latino-Americanos – entrevistas e filmes*, o leitor encontrará depoimentos de diretores (a grande maioria), fotógrafos, e um ator (o cubano Jorge Perugorria) que trabalham no quadro do cinema latino-americano em países como Argentina, Brasil, Chile, Colômbia, Cuba, México e Peru. Entre os nomes entrevistados, Fernando Birri, Glauber Rocha, Nelson Pereira dos Santos, Miguel Littín, Tomás Gutiérrez Alea, Gabriel Figueroa – a nata da arte cinematográfica latina. São, ao todo, 24

entrevistas, complementadas por verbetes sobre outros realizadores não ouvidos pela autora. A leitura fornece um quadro abrangente sobre a maneira como o cinema é pensado abaixo do Rio Grande.

Há, no entanto, outro recorte temático que deve ser apontado. Os cineastas entrevistados não foram escolhidos ao acaso. São nomes, de maneira geral, associados a uma concepção politizada de cinema. Fazem ou fizeram filmes que colocavam em pauta as difíceis condições sociais de seus respectivos países. Consideravam suas obras peças auxiliares na luta pela transformação dessas sociedades. Enfim, cineastas engajados, movidos pela utopia que, viável ou não, serve para alargar os horizontes. Por isso, e não por outro motivo, Maria do Rosário consagra um capítulo especial à iconografia de Ernesto Guevara de la Serna no cinema latino-americano. Nenhuma outra figura, como o Che, morto há trinta anos na Bolívia, simboliza essa ânsia de mudanças do continente. O cinema que se faz na América Latina soube reconhecer a importância desse ícone revolucionário.

© *Copyright* Maria do Rosário Caetano, 1997

*Projeto gráfico* Edilberto F. Verza  
*Diagramação e capa* Antonio Kehl  
*Revisão de texto* Fred Navarro  
*Fotolitos* Paper Express  
*Editor* Angel Bojadsen  
*Foto de capa* Salma Hayek em *O Beco dos Milagres*, de Jorge Fons;  
*Fotos da quarta capa* Cartaz oficial do filme *Memórias do Cárcere*, de Nelson  
Pereira dos Santos; Che Guevara: Corrales, 1960;  
ver créditos das outras fotos no interior do livro

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil

---

Caetano, Maria do Rosário  
Cineastas latino-americanos : entrevistas e filmes /  
Maria do Rosário Caetano. – São Paulo : Estação  
Liberdade, 1997.

1. Cineastas – América Latina – Entrevistas  
I. Título.

97-3388

CDD-791.43098

---

Índice para catálogo sistemático

1. América Latina : Cineastas : Entrevistas  
791.43098
2. Cineastas latino-americanos : Entrevistas  
791.43098

ISBN – 85.85865-82-2

*Todos os direitos reservados à*

Editora Estação Liberdade Ltda.

Av. Dr. Arnaldo, 1155

01255-000 São Paulo SP

Tel.: (011) 872 9515 / 871 5763 Fax: (011) 262 9072

- 11 CINEMA ESQUECIDO – Murilo Salles
- 13 APRESENTAÇÃO
- 19 LATINAIDADE – Orlando Senna
- 23 CHE NO CINEMA
- 37 GABRIEL GARCÍA MÁRQUEZ
- 49 FERNANDO BIRRI
- 59 FERNANDO SOLANAS
- 63 ELISEO SUBIELA
- 69 RICARDO ARONOVICH
- 73 GLAUBER ROCHA
- 89 NELSON PEREIRA DOS SANTOS
- 101 RUY GUERRA
- 107 EDUARDO COUTINHO
- 121 VLADIMIR CARVALHO
- 129 JORGE FURTADO
- 135 MIGUEL LITTÍN
- 141 SÍLVIO CAIOZZI
- 147 SÉRGIO CABRERA
- 151 TOMÁS GUTIÉRREZ ALEA
- 159 SANTIAGO ALVAREZ
- 165 JULIO GARCÍA ESPINOSA

- 173 HUMBERTO SOLÁS  
177 JORGE PERUGORRÍA  
183 GABRIEL FIGUEROA  
189 PAUL LEDUC  
201 ARTURO RIPSTEIN  
205 JORGE FONS  
213 MARÍA NOVARO  
219 FRANCISCO LOMBARDI  
225 PEQUENO DICIONÁRIO  
225 AGRESTI, Alejandro  
ARISTARAIN, Adolfo  
BEMBERG, María Luisa  
226 MEERAPFEL, Jeanine  
PUENZO, Luis  
MONTI, Félix  
227 EGUINO, Antonio  
SANJINÉS, Jorge  
230 AMARAL, Suzana  
BABENCO, Hector  
BARRETO, Luiz Carlos  
231 BEATO, Affonso  
BERU, Mauricio  
BEZERRA, Octávio  
232 DIEGUES, Carlos  
MORAES, Tetê  
SANTOS, Roberto  
233 SARNO, Geraldo  
SOLBERG, Helena  
TENDLER, Sílvio  
YAMASAKI, Tizuka  
235 CHASKEL, Pedro  
RUIZ, Raul  
DUQUE, Lisandro  
236 TRIANA, Jorge Ali  
GOMEZ, Manuel Octavio  
PEREZ, Fernando

- 237 TABÍO, Juan Carlos  
PALCY, Euzhan
- 238 ALCORIZA, Luís  
FERNANDEZ, Emilio "El Indio"  
FUENTES, Fernando
- 239 HERMOSILLO, Jaime Humberto  
PONCE, Miguel Barbachano  
EYDE, Marianne
- 241 GRUPO CHASKI  
CHALBAUD, Roman
- 242 HOOGESTEIJN, Solveig  
LAMATA, Luis Alberto  
TORRES, Fina
- 243 APÊNDICES
- 247 BIBLIOGRAFIA
- 249 ÍNDICE DAS FOTOGRAFIAS

“Que resposta se pode esperar de um cineasta quando lhe perguntam sobre uma pesquisa de opinião que mostra que o cinema brasileiro já era? Negar o problema? Aceitar resignado, ou até concordante, para mostrar um certo jogo de cintura, uma certa “modernidade” (já que todos dão porrada, eu dou a mais forte!) tão em voga na mídia?

Mas no fundo brota um sentimento de indignação com a constatação de qual será a causa do porquê batem tanto, e com tanto ódio, no já combatido cinema brasileiro.

Será o ódio latente de nós brasileiros com o nosso sentimento de nacionalidade? Não será o cinema brasileiro o Judas da questão desta crise de identidade?

Na verdade, no nosso cotidiano, nos sentimos individualmente impotentes para mudar ou aturar essa realidade: ser brasileiro hoje no Brasil.

Então precisamos de alguma coisa para sublimar nosso ódio: pau no cinema brasileiro. E assim vamos descontando nosso ódio contra o sentimento profundamente angustiante de viver a brasilidade num momento de crise desta identidade. Desilusão. Apatia. Mas aí surge o santo guerreiro, o arauto da modernidade e da transformação, aponta sua lança roxa contra... a Embrafilme... coitada! Pequena Embrafilme! Com a lança afiada veta a lei que regulamenta a atividade de cinema! (Caramba, aos 40 não tenho mais profissão). Será que ele tem aquilo roxo para acabar com males mais nobres? Ou será que não é suficientemente roxo? Vem sua aliada, a imprensa, que quase diariamente dá um pau no moribundo... Que covardia! Agora inventam uma de fazer pesquisa de opinião que compara o cinema brasileiro com o americano! (Por que não uma do automóvel brasileiro contra o japonês? Aposto que o índice de rejeição será maior).

Será o cinema brasileiro tão vergonhoso quanto a imprensa que é praticada no Brasil? Ou é de pior qualidade do que a dos economistas que têm tocado nossa economia, ou menos íntegro que a maioria dos nossos políticos? Pois é... O cinema brasileiro tem a cara do Brasil. A nossa cara. Talvez por isso ele incomode.

Pessoalmente tenho o maior orgulho de tentar resistir por uma cinematografia que já me deu *Vidas Secas*, *Terra em Transe*, *Macunaíma*, *Pixote*, e tantos outros. Mais orgulho ainda de ter ajudado com paixão a existir *Dona Flor e Seus Dois Maridos*, *Lição de Amor*, *Eu te Amo* e, principalmente, *Nunca Fomos Tão Felizes* e *Faca de Dois Gumes*.

Da minha parte, farei tudo o que me for possível para continuar fazendo o que sei e quero fazer. O meu cinema, que é brasileiro.”

MURILO SALLES (Brasil, 1950) – Fotógrafo (*Dona Flor e seus Dois Maridos*, *Cabaré Mineiro*, *Lição de Amor*, *Eu te Amo*, *Tabu*), documentarista (*Estas são as Armas*, realizado em Moçambique) e diretor dos longas-metragens (*Nunca Fomos Tão Felizes*, 1984; *Faca de Dois Gumes*, 89; *Todos os Corações do Mundo*, 95; e *Como Nascem os Anjos*, 96), escreveu esta carta-desabafo, publicada no jornal *O Globo* em 14 de janeiro de 1992. O país vivia o auge da política de terra arrasada promovida pelo presidente Fernando Collor de Mello, que em setembro do mesmo ano seria afastado do governo, através de processo de *impeachment*.

A idéia desta coletânea de entrevistas (e reportagens) com cineastas latino-americanos nasceu num dia de dezembro, em 1986, na belíssima Finca Santa Bárbara, nos arredores de Havana.

Cineastas, reunidos em torno de Gabriel García Márquez, discutiam tema recorrente em rodas cinematográficas de países de produção audiovisual periférica: as dificuldades para se realizar filmes na América Latina. Dificuldades que assumem proporções paroxísticas na hora de colocá-los nas salas de cinema, telas de TVs ou locadoras. Um pequeno grupo de jornalistas ouvia a conversa.

García Márquez, que naquele quatro de dezembro inaugurava a nova sede (na Finca Santa Bárbara) da Fundação do Novo Cinema Latino-Americano, ponderou que, além de produzir filmes, era preciso montar estratégia de divulgação da produção audiovisual das Américas hispânica, portuguesa e caribenha.

Exemplificou: precisamos editar álbuns com nossas estrelas, divas como María Félix, Libertad Lamarque, Dolores del Río, Ofélia Medina, Sônia Braga e tantas outras. Precisamos organizar completa Filmografia do Cinema da América Latina. E dicionários com detalhadas informações sobre nossos realizadores. Esboçou outros planos, lembrou a necessidade de se apoiar documentário que resgatasse a imagem de Omar Torrijos, presidente panamenho que morrera em circunstâncias pouco explicadas.

Na época, eu cobria o Festival de Havana para o *Correio Braziliense*. De 1985 a 1988, estive na Ilha, entrevistando cineastas e correndo do hotel para as salinhas do MECLA (Mercado de Cinema da América Latina), rumo aos cines Chaplin, Yara, La Rampa ou Riviera, atrás de filmes latino-americanos.

Quería ver a obra completa de Tomás Gutiérrez Alea (consegui!), fazer contato com os filmes de Paul Leduc, conhecer Francisco Lombardi, ver os documentários de Santiago Alvarez, acompanhar a série *Amores Difíceis*, baseada



em histórias engendradas por Gabriel García Márquez. Havia dias em que assistia a cinco longas-metragens e corria atrás de um ou dois cineastas, para agendar entrevistas. E tinha que escrever o material que remeteria à Redação, em Brasília. Quem conhece Cuba sabe que transmissões via telex (e, agora, fax) constituem verdadeiras operações de guerra.

Enquanto corria desesperada atrás de filmes e cineastas latino-americanos, pensava em – um dia, quem sabe? – reunir meus escritos sobre a produção cinematográfica do subcontinente. A idéia, porém, não me permitia realizar entrevistas especiais, minuciosas, dignas de virar livro porque – fora Gutiérrez Alea e os brasileiros incluídos nesta coletânea – até hoje não consegui ver a obra completa de nenhum dos diretores, fotógrafos e ator (Jorge Perugorría) aqui citados. A difusão dos filmes latino-americanos continua complicadíssima.

Com a queda do Muro de Berlim e o fim da URSS e seus satélites do Leste Europeu, Cuba – base do sonho de difusão democrática do cinema latino-americano – entrou em crise profunda. O Festival do Novo Cinema Latino-Americano, sua vistosa vitrine, viveu momentos difíceis. Voltei a Havana em 95 e 96. A barra já estava mais leve, embora o Festival não mais se apresentasse tão promissor quanto em 85 e 86, anos em que o sonho de autonomia e novos vãos do cinema latino-americano ganhou duas instituições de peso para viabilizá-lo: a Fundação do Novo Cinema Latino-Americano e a Escola Internacional de Cinema, TV e Vídeo, em San Antonio de los Baños.

Foi só voltar ao Festival de Havana e brotou, de novo, a vontade de reunir o material coletado nos últimos 18 anos. Mas o que fazer se as entrevistas são tão desiguais? Algumas de qualidade, outras medianas. E diversas delas, sofríveis. Entrevista feita em corredor de festival, com o cineasta tendo que pegar o mini-*guagua* canadense ou japonês, que o esperava na porta do Hotel Nacional habanero.

Para agravar, algumas das entrevistas tiveram pedaços jogados no lixo, na hora da edição. Afinal, jornal tem limites de espaço. Em nome da boa intenção da coletânea – divulgar diretores latino-americanos para estudantes e cinéfilos interessados em imagens off-Hollywood – tomei coragem.

Para forrar minha ousadia em publicar material tão desigual, busquei numa pasta de recortes texto do cineasta Murilo Salles. Afinal sua leitura me causara funda emoção, em pleno governo Collor, quando o cinema brasileiro passou a ser visto como o vilão das mazelas culturais do país. Como Murilo, acredito que o Brasil – e a América Latina, e a África, e a Ásia e a Oceania – tem direito a produzir sua própria imagem. Mesmo que ela incomode a quem está visceralmente viciado em imagens *made in USA*.

Como Gabriel García Márquez, acredito que a América Latina, que já produziu tantos e tão grandes filmes e gerou profissionais da grandeza de Gabriel Figueroa, Glauber Rocha, Tomás Gutiérrez Alea, merece espaço nobre. Esta é minha pequena contribuição a tão árdua causa.

A coletânea, que já nascia desigual pelas gritantes diferenças entre suas partes, me fez defrontar com problemas graves. O que mais me incomodou foi constatar, em março último, que só havia diretores do sexo masculino no meu projeto de livro. Mas como, eu, que sou feminista, vou reforçar este procedimento? O que fazer? María Luisa Bemberg, a mais famosa das realizadoras argentinas, havia morrido antes que tivesse a chance de entrevistá-la. Por sorte, assistira a cinco dos seus seis longas-metragens.

Suzana Amaral, que havia causado sensação no Festival de Havana com *A Hora da Estrela*, não conseguira, passados onze anos, realizar um novo longa-metragem. Quebrava cabeça em busca de solução para o impasse, quando me chegou convite da ULAM (União Latino-Americana de Mulheres) e do Grupo Brasileiro do Parlatino (Parlamento Latino-Americano) para assistir, em Brasília, à mostra-seminário *A Mulher e o Cinema Latino-Americano*. Lá fui eu, feliz da vida, acreditando que encontraria uma saída.

E encontrei. No evento, conheci María Novaro, realizadora mexicana; Marianne Eyde, do Peru; Camila Loboguerrero, da Colômbia, e jovens realizadoras de curtas-metragens e vídeos. Na figura esguia e elegante de Novaro, encontrei a diretora que, simbolicamente, representa a força feminina do cinema contemporâneo. Afinal, as mulheres começam a ocupar espaço nobre na produção do subcontinente. Só no Brasil, nos anos 90, dezenove diretoras estrearam no longa-metragem. E duas delas, com sucesso estrondoso: Carla Camurati, com *Carlota Joaquina, Princesa do Brasil*, e Sandra Werneck, com *Pequeno Dicionário Amoroso*.

Outro problema já me perseguia há uns bons meses. Como editar coletânea com entrevistas de cineastas latino-americanos sem Luiz Puenzo, detentor do único Oscar atribuído, até hoje, a um filme (*A História Oficial*) produzido no subcontinente? E a ausência do boliviano Jorge Sanjinés, que tentei, em vão, entrevistar em diversas ocasiões? E Alejandro Agresti, que no eixo Amsterdã-Roma-Buenos Aires produz filmes instigantes como *Buenos Aires Vice-Versa*?

A solução – paliativa – surgiu com o acréscimo, no final do livro, de uma filmografia com 40 nomes. A lista cresceu porque decidi dar um pequeno verbete a todos os cineastas que venceram uma ou mais vezes o Festival do Novo Cinema Latino-Americano de Havana. Com uma vantagem: nove mulheres entraram na resumida Filmografia.

Surgiu, ainda, uma terceira preocupação a me atormentar. Os nomes listados na primeira parte do livro – a das entrevistas – eram “vacas sagradas” da cultura de

esquerda na América Latina. Verdadeiros dinossauros, diriam os mais irônicos. A faixa etária dos entrevistados era elevada. Com poucas exceções.

Arrumei, mais uma vez, uma solução paliativa. Escolhi um jovem cineasta – o curta-metragista gaúcho, Jorge Furtado, autor de um filme que vale por muitos longas (*Ilha das Flores*, de doze minutos) – para tentar arejar o quadro geral. É pouco. Mas serviu para aplacar meus remorsos.

A dois nomes que são sinônimo de América Latina, dediquei espaço nobre. Primeiro, a Ernesto Che Guevara, símbolo máximo dos sonhos de minha geração. Che aparece no livro através dos filmes que a ele foram dedicados. O outro é Gabriel García Márquez, presente nesta coletânea por sua contribuição como roteirista e fonte inesgotável de filmes e séries para TV.

Um só ator entra nesta colagem: o cubano Jorge Perugorría. Para mim, ele é símbolo do esforço de difusão do cinema *made in AL*. Fez filmes no mundo latino: Cuba, Colômbia, Venezuela, Argentina, Espanha, Itália e Brasil. Falando espanhol ou *portunhol*. Sem nenhum deslumbramento por Hollywood.

Quatro fotógrafos latino-americanos que romperam fronteiras ganharam entrevistas (caso do mexicano Gabriel Figueroa e do argentino-brasileiro Ricardo Aronovich, que vive na França) ou verbetes (caso do argentino Félix Monti, que anda prestando inestimável contribuição ao cinema brasileiro nesta fase de retomada), e o brasileiro Affonso Beato (hoje colaborador de Pedro Almodóvar e Jim McBride).

Dois produtores – figura rara em nossos países – festejados com mostras retrospectivas no Festival de Havana (o brasileiro Luiz Carlos Barreto e o mexicano Miguel Barbachano Ponce) foram escolhidos para representar a categoria. O primeiro é o mais conhecido produtor do cinema brasileiro e tem para engrandecer sua biografia o fato de ter fotografado dois dos momentos mais luminosos da história audiovisual do país: *Vidas Secas* e *Terra em Transe*. O segundo produziu Buñuel em sua fase mexicana e *Frida, Natureza Viva*, de Paul Leduc. Um momento singular na história do moderno cinema latino-americano.

Feitas estas considerações, agradeço às pessoas que colaboraram comigo na concretização desta coletânea de textos jornalísticos.

Primeiro, um agradecimento especial a Fernando Câmara, diretor-presidente do *Jornal de Brasília*, que cedeu boa parte das fotos que ilustram este livro. Pelo *Correio Braziliense*, outro veículo que publicou significativa parte das entrevistas e reportagens aqui transcritas, agradeço a Paulo Cabral e Ari Cunha.

Agradeço ainda a Alquímia Peña, Evaldo Mocarzel, Cleber Eduardo, Hélio Lopes dos Santos, Marcos Bridge Fernandes, Luiz Bernardo Pericás, Berê Bahia, Zuleica e Valmor Fischer, Beth Gameiro, Maria Elias, Adhemar

Oliveira & Patrícia Manhães, Margô Oliveira e Flávia Miranda, Alfredo Calviño e Patrícia Martín, Beth Jaguaribe e Paulo Linhares, Guido Araújo, Sérgio Muniz, Thomaz Farkas, Sérgio Sanz, Esdras Rubin, Ivan Giraud, Ângela José e Inimá Simões. A Rubens Ewald Filho, Hiran Goidanich e Luiz Felipe Miranda com seus dicionários, tão úteis. E, especialmente, a Luiz Fernando Zanin Oricchio.

E dedico este livro a Cosme Alves Netto (in memoriam), a Geraldo Vandré e a meus filhos, Jorge Artur e Frederico Augusto, torcendo para que se tornem apreciadores críticos do cinema latino-americano do passado e do presente.

*Maria do Rosário Caetano*